

# Jornal de Estudos Psicológicos

Ciência, Filosofia e Religião

## Os fenômenos de quase-morte - Parte I

Algumas pessoas que sobreviveram a certas crises de saúde, incluindo paradas cardíacas, anestesias e outras situações de gravidade clínica, quando retornam à consciência, reportam uma experi-

ências extraordinária. Estas vivências, todas espontâneas, já foram descritas há muitos anos, e o primeiro trabalho sério dedicado integralmente ao tema é o de autoria do Dr. Raymond A. Moody Jr., psiquiatra americano — o livro *Vida depois da Vida* (Life after Life), publicado em 1975.



ências extraordinária. Estas vivências, todas espontâneas, já foram descritas há muitos anos, e o primeiro trabalho sério dedicado integralmente ao tema é o de autoria do Dr. Raymond A. Moody Jr., psiquiatra americano — o livro *Vida depois da Vida* (Life after Life), publicado em 1975.

O termo "experiência de quase-morte" (do original "near-death experience") e a sua definição foram desenvolvidos por este autor, a partir de seus inúmeros casos coletados ao longo de muitos anos e enfiados na citada obra, que se tornou referência sobre o assunto. São fenômenos naturalmente muito antigos, mas que só recentemente estão sendo devidamente estudados.

Neles, uma pessoa como que chega perto da morte clínica ou desencarnação, e a alma se desprende relativamente do corpo, com intensidade suficiente para não sofrer mais as suas influências, adquirindo um grau de liberdade tal que ocorre uma verdadeira viagem anímica. O aspecto mais inusitado é a lembrança do que sucedeu neste período e que consta dos relatos dos

pacientes ao recobrem a consciência, depois de serem reanimados. Cumpre ressaltar que estes se dão espontaneamente, sem a vontade do protagonista.

Contudo, fenômenos análogos

podem acontecer, induzidos por certas substâncias químicas administradas propositadamente para provocá-los, como a mescalina e o LSD, chamadas psicoativas, em pesquisas sobre consciência holotrópica e estados alterados de consciência, em laboratórios especializados de Psicologia Transpessoal. Estes últimos são, por sua vez, transe anímicos guardando com os primeiros alguma correspondência. No entanto, os de quase-morte são ainda mais singulares e revestidos de conteúdos especiais.

Estes fenômenos incluem-se entre aqueles que, na Codificação Kardequiana, são conhecidos como os de emancipação da alma, estudados pelo Codificador em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo VIII da Segunda Parte. Recordando a resposta à pergunta 422-a, sobre os temas letargia, catalepsia e mortes aparentes, temos: "(...) E esse estado especial dos órgãos vos prova que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo". Morte aparente seria o aspecto mais próximo das EQM (experiências de

de quase-morte), sendo que nestas o paciente se recorda e conta tudo o que viu.

Quando os relatos das muitas pessoas que viveram essas experiências são comparados entre si, percebem-se aspectos comuns, que trazem credibilidade e consistência às narrativas e, ao mesmo tempo, revelações sobre a fronteira entre a vida física e o mundo espiritual.

Nos estágios iniciais, o paciente nota o seu corpo inerte e o ambiente físico à sua volta, de uma curta distância. Muitas vezes é o próprio centro cirúrgico, onde está sendo submetido a uma cirurgia e após sofrer uma parada cardiorrespiratória, lá está a equipe médica tentando reanimá-lo. Isto é seguido de uma mudança de percepção para uma ambiência que não guarda nenhuma identidade com o que seja do seu conhecimento comum, e ele encontra o que chama de um "ser de luz" ou guia espiritual. A partir daí tudo é novo e as vidas dessas pessoas vão mudar completamente.

**Sérgio Thiesen**

**Médico Cardiologista, Físico**



The Spiritist Psychological Society

**XIV - MÊS ESPÍRITA**

Abril 2021

*Em Busca do Sentido Ético da Vida*

Acesso aos Eventos

Facebook:  
<https://www.facebook.com/SpiritistSociety/>

Youtube:  
<https://www.youtube.com/Spiritistsps/>

## Espiritualidade e morte

Dada como a única certeza da realidade biológica, a experiência da morte ainda é um grande desafio, sendo um dos maiores temores das criaturas humanas. Acostumado o ego a identificar-se com a imagem corporal, o medo da extinção, mesmo que inconscientemente, se faz presente nos indivíduos, mesmo entre aqueles que detêm a crença

profundo, que proporcione resistências para todos os enfrentamentos que a vida nos apresenta.

Quando munidos não somente da crença no sentido espiritual, mas da vivência ancorada na espiritualidade, a realidade física é relativizada, sem que isso faça com que perca a sua importância. A vida física deve ser valorizada, vista



na sobrevivência da alma. Infelizmente, de uma maneira geral, a educação negligencia o preparo para a desencarnação, especialmente quando dá ênfase às conquistas de ordem externa, esquecendo-se de preparar os indivíduos para sua realidade psicológica e espiritual, assim como para os grandes desafios existenciais, dentre eles a morte.

Para alguns, que têm pacificada a questão da sobrevivência do espírito, a questão não é tanto se existe ou não vida após a morte, mas sim o significado e o sentido que dão à vida durante a própria encarnação, porquanto sabem que isso refletirá na condição de vida espiritual. Nesse sentido, a vivência da espiritualidade deve ser muito mais que uma crença intelectual, para transformar-se em um modo de vida que contemple a realidade do espírito e ajude a ancorar a vida em um significado

como uma oportunidade de aprendizado e transformação; senão corre o risco de ser banalizada, o que termina por ampliar o temor da morte.

É urgente construirmos, nos alicerces filosóficos, educacionais, psicológicos, assim como religiosos, espaço para falarmos mais sobre a morte e especialmente sobre o sentido que damos às nossas vidas. Nesse momento da humanidade em que milhões perderam suas vidas físicas, precisamos reavaliar a nossa condição humana e buscar incorporar o sentido profundo da espiritualidade em nossas vivências. Que a morte não "nos encontre" perdidos em uma vida sem sentido, mas ancorados em um sentido existencial: que a morte nos encontre vivos!

**Iris Sinoti**

**Terapeuta Junguiana**

## Luto no isolamento

A morte tem seus mistérios, mesmo para aqueles que têm a certeza da sobrevivência do espírito, porquanto a ausência física dos seres amados gera reflexos para toda a vida. A falta do contato objetivo, ou da sua possibilidade, somada às lembranças dos momentos vividos, tocam em pontos delicados do comportamento humano, nem sempre vividos com equilíbrio.

Por isso mesmo, determinados rituais, que variam de acordo com a origem e as crenças que se possui, são importantes para proporcionar aos indivíduos a devida catarse no momento da morte, possibilitando ressignificar a ocorrência e encontrar suporte emocional, psicológico e espiritual para prosseguir na jornada da vida.

Com a Pandemia, muitos desses rituais ficaram prejudicados pelas compreensíveis razões de ordem sanitária. Mas é importante que cada um simbolize esse momento de alguma forma, mesmo que através de encontros virtuais com pessoas que possam resgatar a memória de vivências de quem partiu, expressar seus sentimentos e o significado dos momentos vividos.

O momento de luto traz uma tristeza natural, e não há um tempo definido de duração, pois varia de pessoa para pessoa e da relação que se mantinha com a pessoa que desencarnou. Em caso de difícil superação, é recomendado o auxílio terapêutico, ajudando o enlutando a retornar às suas atividades e prosseguir na jornada da vida física até o momento do reencontro no plano espiritual, para onde todos migraremos de retorno em algum momento.

**Cláudio Sinoti**

**Terapeuta Junguiano**



### Expediente

#### Jornalista

Katia Fabiana Fernandes - nº 2264

#### Edição

Evanise M Zwirtes

#### Colaboração

Maria Angélica de Mattos - Revisora  
Cintia C. Dos Santos - Tradução Inglês  
Danusa Rangel - Revisão Inglês  
Karen Ditrlich - Tradução Alemão  
Hannelore P. Ribeiro - Tradução Espanhol  
Maria M Bonsaver - Tradução Espanhol  
Lenéa Bonsaver - Tradução Espanhol  
Nicola P. Colameo - Tradução Italiano  
Irène Audi - Tradução Francês

#### Reportagem

Sérgio Thiesen  
Iris Sinoti  
Cláudio Sinoti  
Davidson Lemela  
Sonia Theodoro da Silva  
Adenauer Novaes

#### Design Gráfico

Evanise M Zwirtes

#### Reuniões de Estudos (Em Português)

**Sábados:** 08.00pm - 10.00pm  
**Domingos:** 08.00pm - 09.30pm  
**Segundas:** 08.00pm - 10.00pm  
**Quartas:** 08.00pm - 09.30pm

#### Reunião de Estudo (Em Inglês)

**Quartas:** 07.00pm - 07.30pm

BISHOP CREIGHTON HOUSE  
378, Lillie Road - SW6 7PH - London  
Informações: 0207 341 4948  
E-mail: spiritisttps@gmail.com  
[www.spiritisttps.org](http://www.spiritisttps.org)  
Registered Charity Nº 1137238  
Registered Company Nº 07280490



**A vida continua**

O que é o tempo?

Para nós, encarnados, um fato passado é algo que não volta mais e o futuro é apenas uma probabilidade. Contamos o tempo através da sucessão dos eventos: Chegou o Natal, depois nosso aniversário, as datas importantes e nossas férias todos os anos.

Alfa e ômega, simbolizam, filosoficamente, o início e o fim. Quando tudo começou e quando tudo acaba. Ilusão.

As ocorrências do dia-a-dia nos remetem a um tempo *cartesiano*, onde a compreensão da realidade é pensada como fonte de ilusões. Por isso, se nos privarmos dos fatos cotidianos, não conseguiremos contar o tempo adequadamente.

Já que somos reencarnacionistas, surge a curiosidade: quantas vidas já vivemos? Uma somente! Nunca deixamos de viver, aqui ou em outra esfera, a vida não acaba nunca.

A vasta literatura espírita, em comparação com a nossa realidade material, tem nos informado a respeito da percepção do tempo na dimensão extrafísica. Segundo os espíritos, no mundo espiritual o passado se confunde com o futuro e vice-versa, porque, para eles, só existe um tempo: presente.

Kardec, na questão 242 de *O Livro dos Espíritos*, indagou aos espíritos: *de que maneira poderíamos entender efetivamente o passado e o futuro dentro da realidade espiritual?* Responderam: *quando com eles você se ocupa – passado e futuro – eles se tornam presentes.*

Um dia aprendi que a dor passa, a ansiedade diminui, a saudade sossega, a tristeza vai embora, o amor triunfa e a vida... continua!

**Davidson Lemela**

**Neuropsicólogo**

**Os mortos falam?**

Na Grécia Antiga, o Oráculo de Delfos propunha-se a responder, através das sacerdotisas de Apolo, as questões propostas pelo público em geral, em especial os líderes guerreiros e políticos de seu tempo. Com base nas crenças divinais, quem respondia era o deus Apolo, numa linguagem simbólica e complexa, decodificada pelos sacerdotes

os Espíritos provocaram fenômenos interpretados pela parapsicologia como de efeitos do magnetismo humano, mas finalmente pelo Espiritismo, como atuação dos Espíritos sobre a matéria.

O Espiritismo, com Allan Kardec, evidenciou através de fatos contundentes e de comunicações comprovadamente incontestáveis, amplian-



gestores do templo.

Na Roma Antiga, o "diálogo" com os mortos dava-se através da leitura das vísceras de animais sacrificados aos deuses romanos.

No Judaísmo antigo há várias passagens, citadas no Velho Testamento, sobre diálogos com os chamados mortos, sob a direção de Moisés. Com o advento do Cristianismo primitivo, os Espíritos comunicavam-se com os apóstolos de Jesus de Nazaré, bem como com Paulo de Tarso e os cristãos da era apostólica. Posteriormente, após o Concílio de Niceia trazendo proibições oficiais da igreja católica, os mortos foram silenciados e aqueles que se comunicavam com eles, os chamados médiuns, acabaram por ser perseguidos e mortos.

Contudo, os desencarnados nunca deixaram de se comunicar com as pessoas necessitadas de orientação e direcionamento. Exemplos inúmeros estão nas aparições atribuídas a Maria, mãe de Jesus, e interpretadas as suas orientações como provenientes diretamente de Deus, quando a igreja não tinha como contestá-las.

Também na contemporaneidade,

do os ensinamentos de Jesus, que se há imortalidade da alma também há vida após a morte.

Várias obras foram escritas, que compõem a Codificação Espírita, principalmente o livro *O Céu e o Inferno*, que na primeira parte descontrói as crenças nos tormentos ou na sublimação eternos e, na segunda parte, traz testemunhos de Espíritos que faleceram em diversas situações morais, materiais e espirituais. Testemunhos verdadeiros que aclaram a grande Verdade buscada pela Filosofia em 2600 anos de história e que trazem consigo um grande, um imenso consolo para a época em que vivemos.

Sim, o Espírito sobrevive à morte e não existe sofrimento eterno nem visões celestiais eternas.

Os Espíritos voltaram e continuam a voltar através da inspiração, da vibração amorosa que trazem consigo, mas também a influenciar negativamente a humanidade.

Jesus disse: *Orai e Vigiai. Sim, oremos, estudemos e confiemos. Deus está conosco.*

**Sônia Theodoro da Silva**

**Filósofa**



### Dimensão espiritual da pandemia mundial

Difícil saber o que se passa na totalidade do mundo, pois o volume de informações é grande e muitas vezes desencontradas. Na maioria, trata-se de opiniões em cima de fatos que são expostos segundo interesses nem sempre perceptíveis. Mesmo assim é possível formular algumas ideias sobre a situação pandêmica em diferentes localidades. Em geral, a pandemia trouxe reflexões sobre a vida e seu valor intrínseco, sobretudo para adaptações a contingências extremamente restritivas. Se é difícil avaliar o impacto na vida material, o quão não o é na dimensão espiritual, cujo conhecimento recebe o colorido dos médiuns que voluntaria e desinteressadamente servem de mensageiros. A tendência é enxergar a situação pelo viés moral, como se se tratasse de um castigo ou um fenômeno que ocorre para o bem e que surge para evitar um mal maior. Estas suposições têm origem na ideia de um Deus semelhante ao do Antigo Testamento, que duelava com seu oponente, portanto, dando-lhe um status de semelhante, que necessitava do testemunho de fé e de renúncia por parte de Sua criatura.

A exigência de moralização atende à filosofia religiosa que afirma que o mal tem origem no ser humano, devendo ele aceitar sua fraqueza e penitenciar-se para obter o perdão divino. Certamente não são fenômenos geológicos, biológicos ou da Natureza que determinam o estágio de evolução do Espírito. Este estágio pode ser aferido por outros fatores, sem que

se precise culpá-lo sumariamente pela sua ignorância. São fatores que atestam aquele estágio: modos de desencarnação sofridos, excessivo volume de experiências regidas pelo uso do corpo físico, filosofia existencial pautada pelo tempo do personagem, religiões salvacionistas, excessivo número de pessoas pobres e doentes, excessivo trabalho braçal, velhice solitária, desigualdades sociais diversas, conflitos armados, existência de fronteiras, mortes prematuras, desconhecimento da mente e do corpo espiritual e, por último, ausência da consciência da imortalidade pessoal.

É possível conceber que o movimento na dimensão espiritual tenha sofrido algumas mudanças por conta da pandemia, sobretudo no que diz respeito à vibração dos encarnados e pelo foco maior no medo da morte. O número de desencarnações certamente produziu alguns efeitos, mas não o suficiente para provocar algum tipo de caos, pois outras doenças deixaram de ocorrer pelos maiores cuidados higiênicos. Com a maior permanência das pessoas no ambiente doméstico, os lares passaram a contar com grande número de desencarnados, facultando intensa e profundas interações entre todos. Neste caso, por causa da presença maior de envolvidos em processos relacionados a vidas passadas, muito provavelmente, é possível que tenha havido uma reorganização no sistema de tratamento espiritual em domicílio, sobretudo nos casos de desobsessão.

Falar sobre o impacto na Terra, tentando uma análise sobre as possíveis alterações planetárias, é exercício que transcende o olhar humano, visto que ainda não temos conhecimento de como funciona e do que é possível ser feito por um governo celeste ou mesmo o que dizem seus componentes. Não descreio da possibilidade de que tal comando exista, pois aqui na dimensão material as nações do mundo também tentam sua instalação, sem êxito, dada as profundas diferenças existentes. Ao pensar em uma evolução planetária não se deve deixar de perceber que a evolução do Espírito é tarefa pessoal, pois não se adquire habilidades, objetivo e pressuposto intrínseco da reencarnação, sem o esforço individual, mesmo que se dê na relação com o outro.

De qualquer maneira, e em todos os eventos considerados globais ou não, o Espírito evolui em complexidade e em sua percepção do Divino. O movimento da Vida é inexorável, atendendo às necessidades do Espírito que, metaforicamente, é a Consciência do Deus que ele mesmo concebe. Para o Espírito, a serenidade e a certeza da imortalidade são os estados íntimos mais necessários em todo e qualquer momento de tensão.

**Adenauer Novaes**

*Psicólogo Clínico*